

NEUTRALIDADE PRÓ-CHINA

Lula se reúne com Xi, e viagem aponta inclinação brasileira para Pequim



Em boa sintonia. O presidente da China, Xi Jinping, recebe no Grande Palácio do Povo, em Pequim, o presidente Lula, com as duas primeiras-damas, Peng Liyuan e Janja, caminhando logo atrás

MARCELO NINHO
Especial para O GLOBO
marcelo.ninho@oglobo.com.br

Se o plano do governo brasileiro era marcar em grande estilo o "relançamento" das relações com a China, após o afastamento causado pelos tropeços de Jair Bolsonaro, a visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi um grande sucesso. Em seus discursos, Lula não cansou de enaltecer a importância da parceria estratégica com o sócio comercial número um do Brasil, desde o boicote à China e questionou a hegemonia americana em críticas ao domínio do dólar, o que pareceu estar em perfeita sintonia com a multipolaridade defendida por Pequim.

CONVERSA MAIS LONGA

Mas se havia o desejo de manter um tom de equidistância em meio à rivalidade crescente entre China e EUA, a impressão que a visita deixa é de uma inclinação para o lado de Pequim, algo que os integrantes da comitiva brasileira negaram. Na declaração conjunta divulgada ao final da visita, os dois países "reafirmaram o compromisso de promover a democratização das relações internacionais e o multilateralismo", princípios que aparecem quase diariamente no discurso da China. E, pouco antes de deixar Pequim na manhã deste sábado (noite de ontem no Brasil), Lula fez uma forte crítica aos EUA, acusando o país de "incentivar" a guerra na Ucrânia.

O governo chinês retribuiu com uma recepção à altura da expectativa de uma virada de página, com uma conversa bem mais longa que a planejada

entre Lula e o líder do país, Xi Jinping, o compromisso reiterado com a "parceria estratégica" entre os países e uma cerimônia de boas-vindas com pompa máxima, com direito à música "Novo Tempo", de Ivan Lins, tocada por uma banda militar. Entre os acordos assinados, um empréstimo de R\$ 6,5 bilhões do Banco de Desenvolvimento da China, um protocolo para produção conjunta de um novo satélite e cooperação para facilitar comércio e investimentos.

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, estimou em R\$ 50 bilhões o total de investimentos gerados a partir de acordos alinhados durante a visita, que incluem dois projetos na Bahia, a ponte Salvador-Itaparica pela Companhia Chinesa de Construção e Comunicações (CCCC) e a instalação da montadora de carros elétricos BYD na antiga fábrica da Ford em Camaçari. O tom dos discursos de Lula e o volume de possíveis negócios com a China sugeriram uma aproximação maior com Pequim na comparação com a visita de Lula aos EUA em fevereiro, em que não houve anúncios de investimentos.

APROXIMAÇÃO COM CAUTELA

Haddad negou que isso indique um distanciamento de parceiros do Ocidente.

— Nós não temos nenhuma intenção de nos afastar de quem quer que seja, sobretudo de um parceiro da qualidade dos EUA. Estamos fazendo um esforço de aproximação, queremos investimentos dos EUA, mas estamos vivendo um momento de desinvestimento, empresas americanas deixaram o Brasil. Mas nós

queremos estabelecer as melhores relações e parcerias com os três grandes blocos comerciais: os EUA, a União Europeia e a China.

Embora a declaração conjunta ressalte o interesse em aprofundar a parceria estratégica, o Brasil mostrou cautela ao não se comprometer formalmente com programas associados à ambição geopolítica chinesa, o que poderia gerar desconforto ainda maior em sua relação com os EUA. Frustrando a expectativa de Pequim, não houve adesão à chamada "Nova Rota da Seda", o megaprojeto de infraestrutura que se tornou uma das bandeiras da diplomacia econômica de Xi Jinping. Na declaração, o Brasil diz apenas estar disposto a "examinar sinergias" entre suas políticas de desenvolvimento e o projeto chinês.

Mas se houve o cuidado de não pôr a assinatura do Brasil em iniciativas que pudessem indicar um alinhamento com Pequim, nos discursos de Lula não faltaram garantias de que o país resistirá a pressões para aderir a boicotes promovidos pelos EUA contra a China. No início do encontro com Xi, o brasileiro citou a visita que fez na quinta-feira, em Xangai, à gigante de tecnologia Huawei, banida nos EUA. A empresa tornou-se um dos principais alvos americanos na disputa tecnológica com a China e este evento de ser vetada nas redes de telefonia 5G do Brasil no governo Bolsonaro.

— Fizemos uma visita à Huawei numa demonstração de que nós queremos dizer ao mundo que não temos preconceito na nossa relação como os chineses e

que ninguém vai proibir que o Brasil aprimore sua relação com a China — disse Lula ao presidente chinês.

Em suas palavras iniciais no seu encontro com Lula, Xi não falou muito de relações bilaterais. Preferiu se concentrar nas ambições chinesas e de como o Brasil pode se beneficiar do "novo paradigma de desenvolvimento" promovido por Pequim.

— O Partido Comunista da China está liderando a nação em um esforço conjunto para transformar a China em um grande país socialista moderno em todos os aspectos e para avançar o rejuvenescimento nacional em todas as frentes por meio de um caminho para a modernização — disse o presidente. — Nessa jornada, a China irá buscar um desenvolvimento de alta qualidade, acelerar a criação de um novo paradigma de desenvolvimento e promover uma abertura de alta qualidade. Isso irá destravar novas oportunidades para o Brasil e outros países ao redor do mundo.

SEM ENTREVISTA COLETIVA

Xi expressou confiança de que uma relação China-Brasil que continue a desfrutar de crescimento sólido tende a desempenhar um importante e positivo papel para a estabilidade e prosperidade de suas regiões e do mundo.

Segundo membros da comitiva brasileira, "houve química" entre Lula e Xi, demonstrada pelo encontro que os dois tiveram, bem mais longo que o programado. A conversa de quase duas horas se estendeu por mais duas no banquete oferecido a Lula, em que o governo chinês bus-

Principais acordos assinados na visita

> Comércio

Busca de soluções para evitar barreiras desnecessárias ao comércio e tornar mais ágil a circulação e despacho aduaneiro de bens.

> Tecnologia de informação e comunicação

Intercâmbio de políticas de cooperação entre instituições de pesquisa e empresas de ambos os países. Entre as áreas a serem exploradas, estão o desenvolvimento de tecnologias de comunicação móvel 5G, novas tecnologias, incluindo computação em nuvem, big data, Internet das Coisas.

> Finanças e economia

Os ministérios da Fazenda do Brasil e das Finanças da China vão coordenar

discussões de interesse comum, como política macroeconômica, finanças, mobilização de recursos para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, saúde, segurança alimentar e energética, mudança climática, investimento em infraestrutura, e tributação global.

discussões de interesse comum, como política macroeconômica, finanças, mobilização de recursos para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, saúde, segurança alimentar e energética, mudança climática, investimento em infraestrutura, e tributação global.

discussões de interesse comum, como política macroeconômica, finanças, mobilização de recursos para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, saúde, segurança alimentar e energética, mudança climática, investimento em infraestrutura, e tributação global.

discussões de interesse comum, como política macroeconômica, finanças, mobilização de recursos para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, saúde, segurança alimentar e energética, mudança climática, investimento em infraestrutura, e tributação global.

discussões de interesse comum, como política macroeconômica, finanças, mobilização de recursos para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, saúde, segurança alimentar e energética, mudança climática, investimento em infraestrutura, e tributação global.

VAGOS SOBRE UCRAÍNA

A declaração conjunta foi vaga sobre o conflito e não continha críticas a invasão russa. O documento incluiu uma troca de elogios às posições de ambos os lados, com um ponto em comum: "diálogo e negociação são a única saída viável para a crise". Há ainda uma possível indicação nas entrelinhas de apoio à ideia do Brasil de um "clube da paz", com um apelo a que "mais países desempenhem papel construtivo para a promoção da solução política da crise".

A China tem se mostrado disposta a ter um papel mais ativo nas negociações enquanto evita criticar a invasão e mantém sua proximidade com Moscou, no que tem sido chamado de "neutralidade pró-Rússia". O Brasil, que ao contrário da China apoiou a resolução da ONU pedindo a retirada da Rússia dos territórios ocupados, afirma na declaração conjunta que "recebeu positivamente" a proposta de Pequim sobre a guerra, na qual é defendido um cessar-fogo, mas sem qualquer menção a uma retirada russa.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Página:** 16